

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO XI

VOLUME I



COIMBRA / 1964

S. Bernardo e a conquista de Lisboa

Como S. Bernardo foi o pregador da 2.^a Cruzada e D. Afonso Henriques foi auxiliado por uma armada de cruzados na conquista de Lisboa, surgiu modernamente a ideia de que teria havido entendimento entre os dois chefes e até a de que a expedição estrangeira teria vindo de propósito para aquela empresa. Era natural que tais ideias despertassem simpatia e fossem acolhidas sem grande reserva, quando apresentadas por um historiador tão autorizado como o P.^e Luís Gonzaga de Azevedo (*).

Estudando, porém, o problema, não é difícil reconhecer a fragilidade dessa construção histórica. Falta-lhe por completo o apoio documental e está em contradição com muitos elementos conhecidos. Todo o argumento de Gonzaga de Azevedo se baseia na suposta carta de S. Bernardo a D. Afonso Henriques, a qual, como já demonstrámos, é uma das muitas falsificações com que Fr. Bernardo de Brito opulentou a *Chronica de Cister* (?).

Sem a mínima sombra de desconsideração pela sua obra, parece-nos que S. Bernardo está tão inocente no episódio da conquista de Lisboa aos mouros, como no desastre em que redundaram as campanhas do Oriente. Nem antes nem depois do acontecimento, nem na organização do corpo expedicionário nem na sua actuação em Portugal, nem da parte do Santo nem da parte do Rei, se descobrem indícios de que entre eles se concertasse qualquer plano de acção, embora vago e impreciso.

S. Bernardo começou a pregar a Cruzada em Vézelay, a convite do rei da França Luís VII e do papa Eugénio III, na assembleia convocada para 31 de Março de 1146. Quanto à França, a expedição ficou logo resolvida, mas o Santo, excedendo o projecto pontifício, intentou associar-lhe o imperador da Alemanha, Conrado III,

0) *História de Portugal*, vol. iv, Lisboa, 1942; pp. 47 e 241.

(²) V. o nosso estudo *Origens da Ordem de Cister em Portugal*, na «Revista Portuguesa de História», tomo v.

que só se decidiu em 27 de Dezembro. Pouco depois, voltou para Claraval, onde estava em princípios de Fevereiro de 1147. Em 19 de Março reaparecia na Alemanha, para assistir à dieta de Francoforte, em que se decretou outra Cruzada contra os Eslavos. Em 6 de Abril, encontrava-se em Claraval com o papa Eugênio III. Quer antes quer depois das suas entrevistas com o imperador, S. Bernardo fez várias pregações através da França e da Alemanha e escreveu numerosas cartas a animar o grande movimento. Eram-lhe, todavia, estranhos os pormenores do recrutamento militar e nada devia estar mais longe do seu pensamento do que diminuir as forças de Luís VII e Conrado III. Ora os contingentes que auxiliaram a conquista de Lisboa aparecem desligados dos comandos gerais da Cruzada e sem um chefe com o qual S. Bernardo pudesse combinar uma acção especial. Afirmava-se até que só tinham a Deus por chefe (3).

Por seu lado, D. Afonso Henriques, advertido por experiência anterior, não podia pensar num assalto decisivo a Lisboa, sem primeiro tomar Santarém. Foi a 10 de Março de 1147 que ele saiu de Coimbra para a conquista desta cidade, que caiu em seu poder, por hábil manobra, no dia 15. Só depois desta data é que seria oportuno entrar em negociações com S. Bernardo para agenciar um desvio ida Cruzada. Teríamos de imaginar um serviço ideal de ligações para que em Abril o Abade de Claraval apresentasse a ideia ao papa, e este concedesse as supostas graças apostólicas, e tudo fosse imediatamente comunicado aos organizadores da expedição marítima, e estes aquiescessem logo ao plano, pois foi ainda em Abril que as forças começaram a convergir em Dartmouth. Coisas muito fáceis de sonhar agora, mas que se verifica serem então quase impossíveis de realizar, sobretudo se atentarmos na composição dos contingentes marítimos.

Vinham na armada uns 13.000 homens, em cerca de 200 naus. A maior parte eram anglo-normandos (4). Os restantes eram flamen-

(3) *«Exercitus navalis virorum non potentium, nec alicui magno duci innixi nisi Deo omnipotenti»*—HENRIQUE DE HUNTINGDON, cit. por CHARLES WENDELL DAVID na sua edição do ms. *De Expugnatione Lyxbonensi*, New York, 1936; p. 13, n. 1. Citamos a chamada Carta do Cruzado Osberno por esta edição.

(4) *«Pars autem eorum maxima venerat ex Anglia»* — HENRIQUE DE HUNTINGDON, *lug. cit.* CH. W. DAVID põe em dúvida esta afirmação, p. 14, n. 1.

gos e alemães (lotaringios), que saíram de Colónia a 27 de Abril de 1147 e chegaram a Dartmouth em 19 de Maio.

Por que não se somaram eles aos dois grandes exércitos ? Ingleses e normandos estavam então sob o governo do rei Estêvão (1135-1154). Durante este reinado, grande multidão de mercenários e aventureiros da Flandres tomavam o caminho da Inglaterra. Por incompatibilidades políticas, nem os normandos, chamados *franci*, se 'dispunham a incorporar-se no exército de Luís VII, nem os lotaringios, chamados *theutonici*, no de Conrado III (5). Escapavam aos comandos gerais da Cruzada e, por conseguinte, à acção directa de S. Bernardo. Tinham, porém, entre si afinidades e interesses que facilitavam o mútuo entendimento, apesar da diversidade de línguas.

Não deixa de ser significativo da sua autonomia o terem a base de concentração nas costas da Inglaterra (6). Foi daqui, e não da França ou da Alemanha, que partiu a iniciativa deste corpo da Cruzada, embora lhe desse oportunidade o movimento suscitado no Continente pela pregação de S. Bernardo.

Havia, aliás, o precedente de se organizarem expedições marítimas à Terra Santa, a partir das ilhas britânicas, sem ligação com uma Cruzada oficial. As suas esquadilhas costumavam contornar a Península, buscando refresco nos portos, sempre que podiam. A *Historia Compostellana* refere-se a uma frota que em 1112 aportou à Galiza e interveio em questões locais. Classifica os seus componentes de piratas, talvez pela maneira como se comportaram, mas informa que iam a caminho de Jerusalém: *piratas... qui ab Angliae partibus venientes causa adeundi Hierosolimam, Hesperiam attigerant* (7).

O mais notável, porém, foi o que se deu em 1140. Traduzimos da *Chronica Gothorum*:

«Por esse mesmo tempo, vieram inesperadamente umas naus das partes da Gália, cheias de homens armados que tinham o voto de ir a Jerusalém. Tendo chegado ao Porto de Gaia e entrado no Douro, soube disso o Rei e ficou contente, pois as naus eram perto

(5) Cf. *Le contingent belge en 1147*, de ANDRE L'HOIST, em Publicações do Congresso do Mundo Português, vol. n, p. 133 e seg.

(6) O porto de Dartmouth ficou a ser o preferido para a partida de cruzadas e peregrinações. — CH. W. DAVID, *ob. cit.*, p. 52, n. 3.

(7) *España Sagrada*, tomo xx, p. 133.

de 70. Combinou com eles que fossem até Lisboa por mar, enquanto ele próprio seguia por terra com o seu exército, a fim de cercarem a cidade, pois talvez aprouvesse a Deus fazê-la cair em seu poder. Feita esta combinação, chegaram todos a Lisboa, eles por mar e o Rei por terra com o exército, e cercaram-na e atacaram-na. Não conseguiram domina-la, porque ainda não havia chegado o tempo de ela cair nas mãos dos Cristãos. Devastaram, porém, os subúrbios, arrasaram muitas vinhas, incendiaram casas e fizeram grandes depredações em terra. Reconhecendo que não a podiam tomar imediatamente nem por largo espaço de tempo, ainda que a assaltassem todos os dias, porque estava muito defendida e era populosa e abundantemente abastecida, deixaram-na. O Rei voltou para a sua terra com o exército, e os referidos mareantes prosseguiram viagem em direcção a Jerusalém» (8).

Vejamos agora como a mesma *Chronica* se refere à tomada de Lisboa por D. Afonso em 1147:

«E no mês de Julho deste ano cercou Lisboa. Por alto desígnio da clemência 'divina, chegou súbita e inesperadamente em seu auxílio uma multidão de naus das partes da Gália, como vinda do céu. Valiosamente apoiado com a sua ajuda, cercou a cidade durante cinco meses, apertando-a e combatendo-a fortemente por terra e por mar, sem permitir a entrada ou saída de ninguém. Finalmente, tomou a cidade...» (9).

É digno de nota o paralelismo das circunstâncias: quer em 1140, quer em 1147, as naus vieram *exinsperato*, inesperadamente, de *Galliciarum partibus*. No século XII, não se atribuía em Portugal a vinda dos cruzados a qualquer combinação prévia.

A narrativa do Cruzado Inglês confirma inteiramente este ponto. Quando os mareantes chegaram ao Porto (16 de Junho), o Bispo leu-lhes uma carta que na véspera tinha recebido do Rei: «Se porventura (*si forte*) aí arribarem navios dos Francos, recebei-os... e conforme o pacto que com eles fizerdes de ficarem comigo...» (10). Não havia, pois, combinação anterior, nem sequer a certeza de que as naus aportassem ao Douro. Todavia, D. Afonso tinha notícia da sua vinda. Como ? Explica-o o relatório do Cruzado: «Ouvira

(8) Texto latino em P. M. H., *Script*, pp. 13-14.

(9) Texto latino, *ihid.*, p. 15.

(10) *De Expugnatione Lyxbonensi*, p. 68.

dizer que viríamos, a alguns dos nossos que, separados da nossa companhia, em cinco navios, tinham feito a viagem desde o porto de Dartmouth em cinco dias e haviam chegado com oito dias de antecedência» (X¹).

O Rei podia aliás presumir que eles aceitassem as suas propostas, como sucedera em 1140. Deu-se até o caso de virem nesta expedição alguns homens da anterior. Isso não obstou a que houvesse discussões e se regateasse o preço da colaboração. Alguns opinavam que era melhor seguir viagem, porque podiam fazer boa rapina pelas costas de Espanha em naus africanas e, além disso, era ótima a monção para navegar em demanda de Jerusalém... (12).

Por aqui se vê o espírito que animava boa parte dos mareantes — verdadeiros piratas, como eles próprios se chamavam uns aos outros. E aí está como tudo se encontrava previamente combinado e a expedição se tinha organizado de propósito para esta empresa.

Nenhuma das fontes que possuímos para a história da conquista de Lisboa, mostra que a expedição marítima dependesse dos comandos da Cruzada e se movesse pelas pregações de S. Bernardo. Depois do feito, também não há notícia de qualquer agradecimento ao Santo, nem este se lembra de apontar o êxito obtido em Lisboa aos que murmuravam contra ele pelo malogro da Cruzada no Oriente.

Tudo se passou como se a acção contra os mouros de Lisboa fosse resolvida apenas por D. Afonso Henriques depois da conquista de Santarém e apoiada ocasionalmente pelos expedicionários estrangeiros a quem agradaram as suas propostas. Estes não tinham nenhum compromisso anterior, nem o de chegarem a Jerusalém nem o de ficarem por aqui (13). Eram tão autónomos como os que

(⁶) *Ibid.*, p. 98.

(12) *Ibid.*, p. 102.

(13) De facto, muitos ficaram; mas outros, tendo-se demorado em Lisboa até 1 de Fevereiro de 1148, seguiram depois para os Lugares Santos. Assim o refere DUODECHINO DE LAHNSTEIN: «*exinde per varia discrimina navigantes, sicut devoverant, ad dominicum sepulchrum pervenerunt*» (CH. W. DAVID, *ob. cit.*, p. 181, n. 1). Estes, como se vê, tiveram a preocupação de chegar enfim a Jerusalém, mas não a de se juntarem às forças francesas e alemãs, cujos passos decerto ignoravam. Agiam com perfeita independência da Cruzada oficial que visava objectivos muito diversos do9 de uma peregrinação ao Santo Sepulcro.

tinham vindo em 1140 e como tantos outros que haviam de vir depois: os que em 1189 auxiliariam D. Sancho I em conquistas no Algarve, e os que em 1217, a convite do bispo de Lisboa, D. Soeiro Viegas, colaborariam na tomada de Alcácer do Sal.

Parece legítimo concluir que a conquista de Lisboa aos mouros em 1147, embora coincidissem com a 2.^a Cruzada, não entrou no plano dos seus principais organizadores nem foi objecto de qualquer intervenção directa de S. Bernardo.